

## Editorial

### Um dossiê sobre as relações da saúde

É com muito prazer que a Equipe da Revista Equatorial apresenta para vocês seu número 7. Trata-se do dossiê intitulado “Etnografando experiências do adoecimento e medicalização no Brasil”, que foi organizado por Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego, doutorando em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Tatiane Vieira Barros, doutoranda em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

Reafirmando o caráter da Revista Equatorial, que é uma publicação feita por e para discentes e orientada pela busca da divulgação e circulação de resultados de pesquisas de cunho etnográfico, o dossiê reúne majoritariamente artigos de estudantes de pós-graduação que apresentam reflexões sobre seus campos investigativos. É de ressaltar a variedade de pertencimentos institucionais das autoras e dos autores que contribuíram com o presente número, que conta com documentos de oito instituições nacionais de ensino superior diferentes. Do mesmo modo, reforçamos a importância em matéria de diálogos interinstitucionais que o trabalho conjunto e a parceria dos organizadores do dossiê significa.

Além da multiplicidade institucional que oferece esse número da revista, os leitores e leitoras encontrarão também reflexões sobre contextos etnográficos e processos de adoecimento muito diversos. De diferentes perspectivas, os textos abordam relações, negociações, atores, entendimentos e significados heterogêneos e em torno de processos de adoecimento e da gestão do que genericamente poderíamos chamar de saúde. Um dos eixos que articula as diferentes contribuições é a relação com o Sistema Único de Saúde e as formas em que sua importância se revelou durante as pesquisas. Quiçá esse eixo possa ser pensado como uma pista da abordagem teórico-metodológica dos autores

e das escolhas teórico-políticas dos organizadores que privilegiaram a análise das relações sociais e não a análise de grupos isolados. Quer dizer, para além da fulcral importância política do SUS, a escolha das reflexões apresentadas no dossiê também é eloquente sobre o foco e a perspectiva dos trabalhos que estão orientados não para a pesquisa de um “outro”, mas para a etnografia de entrecruzamentos, aprendizados, relações, etc., em que grupos e sujeitos em diferentes posições de poder e de experiência negociam significados e materialidades, disputam possibilidades de vida e delimitam grupos heterogêneos de interação.

Finalmente, as leitoras e os leitores encontrarão a seção de resenhas que, no caso particular deste número, complementa e dialoga com o tema proposto. Esperamos que a leitura seja instigante, motivadora e prazerosa e convidamos todas e todos vocês para enviarem suas contribuições e ficarem atentos aos próximos lançamentos da Equatorial.

Angela Mercedes Facundo Navia

Professora Adjunta I do Departamento de Antropologia  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte